



LAURABEATRIZ

Oxigênio para a Universidade de Pequim

Do alto dos seus 205 anos e da enorme influência que exerce sobre a vida intelectual chinesa, a Universidade de Pequim, conhecida como Beida, quer mudar. Para se tornar mais inovadora e criativa, a instituição está implantando um conjunto de medidas pouco populares, que incluem o combate ao apadrinhamento acadêmico e a introdução de critérios de mérito para contratar e promover inspirados nas grandes universidades oci-

dentais (*Science*, 3 de outubro). Providências como o fim do aproveitamento imediato dos graduados no corpo docente, a abertura de vagas para talentos de fora da instituição e a avaliação de produtividade dos pesquisadores são os destaques do pacote de mudanças. Mas não está fácil superar velhos costumes. O plano, apresentado em maio, já sofreu algumas revisões, pressionado pela choradeira generalizada. Foram mantidas, porém, as

cláusulas mais indigestas – como os prazos mais longos para as promoções e o advento de um novo estatuto, segundo o qual um terço dos principais cargos na universidade será preenchido por cientistas de renome trazidos do exterior. Mesmo entre os que apóiam as mudanças, há quem pondere que elas deveriam ser implantadas a longo prazo, mesmo porque a contratação de profissionais no exterior irá esbarrar na brutal diferença entre os

salários chineses e ocidentais e poderá desestimular jovens talentos. Em defesa da urgência, os dirigentes da Beida exibem uma estatística: 20% dos membros ativos da instituição são responsáveis por 80% do total de suas realizações acadêmicas – e isso inclui publicações, prêmios e conquista de verbas. “É importante fazermos contratações de qualidade”, diz Zhang Weiyng, articulador da reforma. “Mas não podemos esperar mais tempo.” ●

■ Divórcio depois das alfinetadas

Os Estados Unidos encerraram um polêmico programa de ajuda à Rússia que durou cinco anos. Chamava-se Iniciativa pelas Cidades Nucleares (ICN) e tinha como meta criar negócios e oportunidades de caráter civil nas antigas cidades secretas soviéticas – Sarov, Snezhinsk e Zhelentz-nogorsk – usadas pela extinta ditadura comunista como parques de fabricação de ar-

mamentos nucleares (*Science*, 10 de outubro). O Departamento de Energia dos EUA empenhou US\$ 87 milhões no programa. Em setembro, ele foi suspenso devido a um nó burocrático. Os russos recusaram-se a aceitar uma cláusula que isentava os norte-americanos de responsabilidade caso algo desse errado em algum projeto da ICN. Programas assinados com países europeus aceitam dividir as responsabilidades. “Temos um desentendimen-

to”, diz Paul Langsworth, diretor da ICN. “E o governo americano resolveu traçar uma linha na areia.” Segundo analistas, o desfecho se deve à estratégia do governo Bush de aumentar exigências para inviabilizar o acordo. Durante os cinco anos de vida, a ICN foi marcada pelo estranhamento entre norte-americanos e russos. Os 69 projetos já em andamento – como um centro para diagnóstico do câncer em Snezhinsk – serão mantidos. ●

■ Inovação liga o Brasil ao Canadá

Brasil e Canadá planejam acordos de cooperação nas áreas de tecnologia espacial, biotecnologia e energias sustentáveis. A idéia é abrir canais entre universidades, centros de pesquisa e agências de fomento. As conversas tiveram início num workshop em São Paulo promovido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e a embaixada do Canadá, em 5 de novembro. ●

Onde estão as mulheres?

Num relatório intitulado *She Figures 2003*, a Comissão Europeia cruzou estatísticas para descobrir se as mulheres estão progredindo no cenário científico do continente. Encontrou resultados ambíguos (*Nature*, 6 de novembro). O documento mostra que, na União Europeia (UE), a taxa de crescimento da participação feminina em pesquisa pública é hoje de 8% ao ano contra ínfimos 3,1% dos homens. Mas a porcentagem de mulheres empregadas nas universidades cresceu apenas 2 pontos percentuais – de 33% para 35% – entre 1999 e 2001. O número de mulheres que participam dos principais congressos científicos na Europa – bom índice para avaliar como anda a partilha entre os sexos nos cargos de maior prestígio – varia enormemente de país para país. “Normalmente”, diz Rossella Palomba, demógrafa do Instituto Nacional sobre Pesquisa Populacional, de Roma, e uma das autoras do relatório, “quanto mais alto é o cargo, menor é o número de mulheres que o exercem.” Mesmo em Portugal, único país em que a presença feminina ultrapassou a barreira de 50% no alto escalão científico, são tão escassos os bons postos que, no total, não dão lugar a mais do que 15 mulheres. “Precisamos rever as estratégias de recrutamento”, diz Phillipe Busquin, comissário europeu para pesquisa científica. •



Peru investe em jornalismo científico

O Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Peru (Concytec) está criando uma rede para ajudar jornalistas a divulgar informações científicas. O fórum, que contará com 200 cientistas, funcionários do governo e jornalistas, busca impulsionar a troca de conhecimentos entre universidades, institutos de pesquisa e meios de comunicação. No manifesto de criação da rede, o Concytec destaca as dificuldades de difundir os avanços

ções da sociedade civil – sobre a importância de estimular o gosto pela ciência, sobretudo entre os jovens. •

Pesquisa espanhola pede socorro

Ou a Espanha revê prioridades ou levará um século para atingir níveis de investimentos desejáveis para promover o desenvolvimento científico, segundo um estudo assinado por 3 mil pesquisadores espanhóis (*Science*, 10 de outubro). As autoridades científicas da União Europeia recomendam que



científicos por falta de gente qualificada na imprensa. Um dos objetivos primordiais do conselho é investir na formação de jornalistas científicos, reforçando o currículo das faculdades e promovendo workshops. Para Teresa Salinas, coordenadora do Concytec, o jornalismo científico no Peru sobrevive graças a iniciativas isoladas e desarticuladas. “Não existem disciplinas específicas que abordem o assunto, tampouco cursos de extensão”, disse Salinas ao serviço de informações SciDev.Net (29/10/2003). A criação da rede foi definida em julho com a assinatura de um documento pelo presidente peruano Alejandro Toledo e organiza-

as nações do bloco invistam 3% do PIB em ciência básica. O documento, no entanto, sustenta que o orçamento para a pesquisa básica é 33% menor do que esse patamar desde 1990, ao passo que os gastos militares e com tecnologia aplicada a negócios só fizeram crescer. “Para piorar”, diz Pedro Serena, do Instituto de Ciência de Materiais de Madri, “o governo não consegue sequer gastar todos os recursos que tinha para a pesquisa por conta da burocracia e do mau planejamento.” O governo acusa os pesquisadores de distorcer os fatos. Avisa, por exemplo, que os gastos com pesquisa básica cresceram 60% desde 2000. •



LAURABEAATRIZ

■ Ação contra a Aids em Moçambique

O Brasil vai transferir tecnologia de produção de remédios contra a Aids para Moçambique. Um protocolo assinado entre os dois países, na visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à África, prevê ainda investimentos nas áreas de educação, capacitação técnica e valorização dos direitos das vítimas da doença. Moçambique já encomendou ao Instituto Farmaguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, o projeto de um laboratório para a produção de genéricos. O governo brasileiro será responsável pelo assessoramento técnico e pela supervisão da implantação da fábrica. Moçambique tem 2 milhões de portadores do HIV, num universo de 19 milhões de habitantes.

■ A cidade da biotecnologia

Foi inaugurado em Cingapura um complexo de pesquisas biológicas que deverá abrigar mais de 1.500 pesquisadores (*Nature*, 6 de novembro). A Biópolis, como está sendo chamada, custou US\$ 290 milhões ao país, que

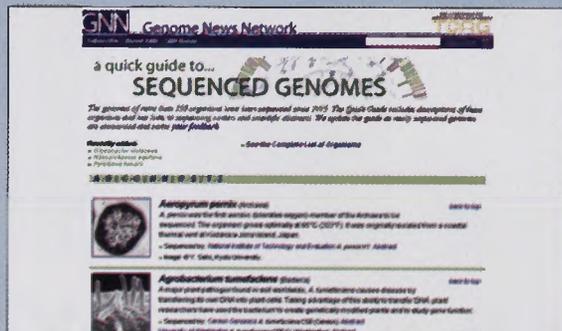
também anunciou a criação de um Centro de Medicina Molecular, com início de operações previsto para janeiro. O novo centro será administrado por uma instituição governamental e terá a missão de converter as pesquisas em práticas de saúde. O primeiro projeto, na área de medicina regenerativa, envolve a manipulação de células-tronco.

■ Ambições espaciais da Coréia do Sul

Em 2015, a Coréia do Sul quer estar entre os dez países mais desenvolvidos em tecnologia espacial. O primeiro satélite coreano foi lançado em 1999 a bordo de um foguete norte-americano. Levava a bordo uma câmera de observação da Terra e um sensor para estudos oceanográficos. No mesmo ano, foram lançados cinco satélites de comunicação. Agora, a Coréia se dedica aos projetos do foguete KSLV-1, programado para voar em 2006, e dos satélites Komsat-2 (que será lançado em 2005), Stsat-2 (2006) e do Coms-1 (2008). Entre 2010 e 2015, mais cinco satélites coreanos devem entrar em órbita.

Ciência na web

Envie sua sugestão de site científico para cienweb@trieste.fapesp.br



www.genomenewsnetwork.org/sequenced_genomes/genome_guide_p1.shtml
Um guia com a maior parte dos genomas dos organismos já seqüenciados, incluindo os brasileiros.



www.prod.eesc.sc.usp.br/producao/gmme
Informações sobre pesquisa e aplicação de técnicas voltadas para a melhoria e mudança organizacional.



www.bioline.org.br/
Interessante serviço com revistas científicas de países em desenvolvimento, quase todas gratuitas.